

AVALIAÇÃO ESCOLAR

Roberto Carlos de Moraes Marques ¹

RESUMO

A avaliação escolar não pode ser vista como um momento do processo de aprendizagem. Requer que o profissional a entenda como um elemento catalisador que movimenta toda a engrenagem chamada EDUCAÇÃO. Apesar de muito se discutir sobre o tema, as escolas ainda se mantêm focadas no método de avaliação como forma de coação, pressão e poder. Sabem os educadores que a utilização da prova como único instrumento de avaliação não reflete de fato a aprendizagem, no entanto, há uma resistência para a mudança. Tal mudança não está nas mãos de quem educa e requer uma ação sistêmica que envolve todos os agentes do ensino. Se educar é descortinar o homem para a sua realidade, possa o ato de avaliar ser refletido como a oportunidade de significar a vida e todos os conhecimentos científicos que a envolvem, ou seja a aprendizagem.

Palavras - chaves: avaliação – mudança - aprendizagem

AVALIAÇÃO ESCOLAR

Ao se falar em educação no Brasil, muitos são os aspectos que necessitam ser analisados para se ter uma clara visão da complexidade que o tema sugere.

As influências do meio social, as aptidões pessoais, as ações que atuam ao mesmo tempo sobre o indivíduo fazem com que o entendimento oriundo dessa análises dos fatos não ocorra isoladamente. Faz-se mister compreender as influências de uma forma global, pois constituem um conjunto de fatores que afetamos agentes da educação: a escola, a família e o aluno.

Este trabalho versa sobre avaliação que é seu tema enfoque central, mas de antemão precisa-se afirmar que não é possível falar sobre este tema sem antes apresentar um embasamento para a melhor compreensão do leitor.

Percebe-se que a didática explica e define claramente o que é avaliar, como proceder, o que exigir, quais critérios, padrões e métodos devem ser utilizados pelo educador. A lacuna entre o real e o conceitual aqui parece enorme, pois intimamente o professor reconhece que o ato de avaliar não se resume a simplesmente ao fim de período que pode ser um bimestre, um ano letivo etc... tornar apto ou inapto o estudante a prosseguir seus estudos escolares em classes superiores, ou mesmo capacitá-lo a prosseguir em seu caminho profissional. Alguns profissionais têm sempre a indagação de bem fazer a sua tarefa, isto é, o professor questiona se preparou o aluno da maneira adequada, se utilizou o melhor método didático, se foi justo no momento

¹ Ten do QAO na Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas – Administrador de Empresas e psicopedagogo – romormar@hotmail.com

de avaliar, corrigir e aprofundar a capacidade de aprender do aluno. O momento de avaliar requer uma inspeção no processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação deve ter seguintes objetivos:

- manter a escola, a família, os professores e os alunos informados sobre a real situação da aprendizagem;
- definir e facilitar as atividades dos professores e alunos;
- manter os professores e alunos informados sobre o acerto de suas atuações;
- apontar falhas existentes;
- indicar dificuldades e aprendizagem real dos educandos;
- fornecer uma visão global do processo de aprendizagem;
- propiciar dados para o julgamento objetivo da aprendizagem dos estudantes;
- fornecer informações sobre o alcance dos objetivos;
- oferecer sugestões para os problemas detectados e apontar maneiras que permitam uma reformulação dos objetivos que foram julgados inadequados.

Assim temos que existem dois tipos de avaliação: o clássico e o moderno. O clássico vê a avaliação como conclusão do processo de aprendizagem e muitas vezes é instrumento de poder do professor, de coação, gerando medo e terror nos estudantes medindo em um instante, a capacidade de absorção do conteúdo ministrado em sala de aula. Muitas vezes é confundida com verificação. A maioria das vezes, o professor mesmo sabendo que a prova é apenas uma das formas de verificar a aprendizagem, faz dela o único instrumento de avaliação, ignorando os inúmeros problemas que cada um carrega consigo, como se fosse possível afastá-los de nossas vidas. Uma das frases mais comuns aos adeptos desta prática é: "Agora vocês são estudantes, esqueçam os outros problemas Dedicuem-se aos estudos"; "Vocês não devem ter outras preocupações. Mantenham o foco na aprendizagem"; "Papirem para tirar um bom grau."

O moderno aqui por mim intitulado, nas-

ceu da ansiedade dos educadores que não se conformam com as práticas escolares até então vigentes, e que desejam trazer a realidade para a sala de aula. Nasceu em função de novos postulados de educação, de conceitos como interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, homem integral bem como das discussões sobre perspectivas mundiais e sobre o papel da escola que temos e a que queremos. Percebe-se que somente agora, decorridos quinhentos anos, o Brasil caminha, em termos educacionais, para criar uma "coisa" sua, oriunda de sua realidade, de acordo com sua cultura, adaptada da vivência de suas mazelas sociais, econômicas, financeiras e políticas. Nesta nova versão a avaliação além de compor o processo de ensino, traz a garantia do processo de aprendizagem porque dinamiza toda a atividade docente e discente propiciando momentos de reflexão sobre o ensino. O mestre deixa de ser o mestre, o possuidor e detentor de todo o saber (costume este herdado de nossos predecessores) e torna-se mais um integrante e colaborador do processo. Ele é um elo, em uma corrente em que todos os elos são iguais e necessários. Está em constante aprendizagem, aprende e ensina e utiliza-se da avaliação para auto corrigir-se e possibilitar crescimento a todos os integrantes da comunidade a partir de seus erros. Os dados fornecidos pelas verificações devem conter elementos que permitam corrigir distorções na aprendizagem e viabilizar o uso de novas técnicas que garantam a assimilação do conteúdo ministrado. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47).

O professor dos dias de hoje, não pode ver o problema apenas por um prisma porque:

- a tecnologia e a ciência a cada momento nos surpreendem com novas descobertas. Há a necessidade de atualização constante.
- com esta evolução novos estudos e ciências surgem para sustentar e corrigir

teorias tidas como verdadeiras. Há a quebra de paradigmas. A interdisciplinaridade que erroneamente vem sendo confundida com interação disciplinar é uma realidade cada vez mais presente.

- as pessoas por estarem mais informadas tornam-se mais exigentes e aspiram melhor qualidade de vida.

O processo de aprender requer acompanhamento sistemático para que diretores da educação tomem decisões oportunas para nortear a escola no futuro.

Reconhecendo o funcionamento da "máquina", o professor poderá consertá-la e adaptá-la quando houver necessidade.

Apesar de metafórico, queremos dizer que os cursos de magistério não fornecem ainda os elementos que os profissionais precisam conhecer para solucionar muitos problemas em sala de aula, mas no futuro fornecerão o local (ciência) onde poderão buscar o apoio de que necessitam.

Nos quadros a seguir retirados do artigo Avaliação Escolar como Processo de Construção de Conhecimento de Edina Souza de Melo e Wagner Gonçalves Bastos, encontramos dados referentes à pesquisa realizada entre professores e alunos sobre avaliação:

Questões	Respostas dos Alunos		
1. Qual a finalidade dos trabalhos, testes e provas?	Aumentar sua nota - 34,3%	Verificar seus conhecimentos - 65,7%	-
2. O que você considera importante para tirar boa nota nas provas?	Entender os conteúdos - 83,0%	Decorar os conteúdos - 15,1%	O u t r o s 1,9%
3. Quando você não entende uma matéria você pede explicações ao professor?	Sim - 85,7%	Não - 14,3%	-
4. Consegue entender tudo o que o professor pergunta nas provas?	Sim - 31,7%	Não - 68,3%	-
5. Gostaria que houvesse outra maneira de ser avaliado sem fazer prova?	Sim - 86,8%	Não - 13,2%	-
6. Você se prepara, estudando para fazer uma prova?	Sim - 93,3%	Não - 6,7%	-
7. Você acredita que o estudo é importante para a vida de uma pessoa?	Sim - 99,1%	Não - 0,9%	-

Quadro 1 - Aos Alunos

Questões	Respostas dos Professores			
1. Quantos instrumentos você utiliza para avaliação do processo ensino aprendizagem (PEA)?	Somente um - 0,0%	De dois a três - 33,3%	De três a cinco - 60,0%	Mais de cinco - 6,7%
2. Quais os instrumentos que você mais utiliza para a avaliação do PEA?	Trabalhos e exercícios individuais e em grupo realizados em aula, participação nas aulas, prova, teste, pesquisa, interpretação, produção de texto e disciplina.			
3. Qual dos instrumentos utilizados têm maior peso para sua avaliação?	Prova e participação nas aulas			
4. A prova deveria ser eliminada do processo de avaliação?	Sim - 0%		Não - 100%	
5. Você utiliza a prova como instrumento de aprendizagem?	Sim - 100%		Não - 0%	
6. A prova reflete o potencial do aluno?	Sim - 39,3%		Não - 60,7%	
7. Para você, qual o principal objetivo das avaliações?	Medir o desempenho dos alunos - 20%	Verificar se houve aprendizagem - 66,7%	Outro. Qual? 13,3%	
8. Com que frequência são feitas suas avaliações?	No decorrer do bimestre - 100,0%		Ao fim do bimestre	
9. Você como professor procura sempre dar um retorno da avaliação aos alunos, comentando principalmente as questões que vários erraram?	Sim - 86,7%		Não - 0,0%	Às vezes - 13,3%
10. Você realiza alguma das avaliações ao lado (autoavaliação e avaliação diagnóstica)?	Autoavaliação - 13,4%		Autoavaliação diagnóstica - 86,6%	
11. Que conhecimentos você considera que tem sobre avaliação?	Baixo - 6,6%	Médio - 60,0%	Alto - 33,4%	

Percebe-se que tanto o aluno, quanto o professor têm perfeita visão de que a avaliação como processo não está atendendo a sua finalidade principal. Ambos reconhecem as dificuldades e reconhecem também que existem possibilidades de mudança. Mas se o problema não está nestes agentes de educação, a quem compete a mudança? Entendemos que a escola mais do que nunca precisa propor ações para a mudança, porque se o sistema exige o posicionamento da meritocracia externada na forma de grau classificatório, no qual o aluno tem um ordenamento de seu saber baseado na nota obtida, onde está a aprendizagem? Inegavelmente que seguir

o sistema pré estabelecido dá a consciência tranquila de que fizemos nossa parte, mas onde fica o discurso de fazer do aluno o centro do processo, da educação democrática da competência do saber?

É possível avaliar de outra forma sem no entanto perder a qualidade no ensino, sem perder seus valores e nem seus padrões. Aliás aprender, ensinar e avaliar não são três momentos distintos da educação. São na verdade partes de um processo maior que visa a capacitação do aluno para resolver problemas do seu dia a dia quando defrontado por estes. Talvez o grande choque ou a grande questão que permaneça seja optar entre o desejo de

querer mudar ou a aceitação da acomodação de que sempre foi assim. Apesar desta última forma não atender aos objetivos a que me proponho a não mudança satisfaz minha necessidade. Seria então a avaliação o Mito da Caverna, de Platão, em que a mudança apesar de necessária e viável ainda nos assusta.

Falamos em avaliação mas até o momento apesar de apontar críticas, não foram apresentadas soluções ou maneiras para corrigir o sistema instalado e arraigado nas pessoas, em que observamos os seguintes aspectos:

1º- os professores reconhecem a forma errada de avaliar, mas necessitam dar notas para seus alunos;

2º- os pais medem desempenho escolar satisfatório ou não pelo boletim de notas de seus filhos;

3º- os alunos que não são cobrados (pressionados), não estudam.

Da mesma forma que educar é emocionar, segundo a psicopedagoga Sara Pain, numa conferência em Porto Alegre é preciso criar no aprendente o motivo que estimule a sua curiosidade para ele mesmo realizar buscas sensibilizando-o para

o ato de aprender e descobrir. A avaliação também é um momento de emoção para o educador, pois não é um diagnóstico um fim de processo mas um prognóstico, "considerada a avaliação de entrada, avaliação de input; uma função diagnóstica, do dia-a-dia, a fim de verificar quem absorveu todos os conhecimentos e adquiriu as habilidades previstas nos objetivos estabelecidos". (HAMZE, Avaliação Escolar)

A avaliação para ser eficiente precisa ser pessoal, ou seja específica de acordo com cada aluno, considerando que filosoficamente todos temos um momento específico de aprendizagem, no entanto, a realidade escolar mostra-se na contramão deste conceito, pois temos de atingir um conhecimento comum em sala de aula, genérico. A avaliação como a temos espelha na nota aquilo que em tese o aluno tirou de excelência do seu estudo e a maior nota garante ao professor a eficácia do seu método de ensinar. Mas se somos diferentes com potencialidades diferentes como medir de forma igual estas disparidades pessoais, inerentes ao ser humano?

A figura a seguir leva a esta reflexão.



© nosso Sistema educacional em uma imagem.

(BOEMER, 2012)

O método utilizado pelas escolas tradicionais não é eficaz, mas por questões culturais ainda é necessário e demandará tempo para que novos conceitos sejam introjetados e assimilados pelas escolas do século XXI. É um círculo vicioso. Cabe-rá ao profissional identificar e intermediar os conflitos gerados pelas perplexidades da escola, da família (sociedade) e dos alunos, atualizar-se quanto às mudanças científicas e introduzir nas escolas, ampa-rado em estudos realizados com a cola-boração de inúmeras ciências, os novos conceitos sobre educação, ensino e didá-tica mudando enfoque de como os in-tegrantes do processo de ensino veem o ato de avaliar.

Ao se avaliar três hipóteses podem ocorrer:

- os educandos são julgados aptos;
- os educandos são julgados sufi-cientes mas precisam de retificações;
- os são educandos julgados insufi-cientes, necessitando de recuperação.

A avaliação não pode decorrer do juízo de uma pessoa e tão importante quanto re-alizá-la, é produzir métodos que possibilitem recuperar a aprendizagem

Assim recuperar um aluno, é providen-ciar atividades que eliminem o déficit de aprendizagem nos estudantes. Inúmeras são as causas do fracasso escolar: originadas na escola, no aluno, no lar, na sociedade e no professor. No entanto, se educar é um processo contínuo e dinâmico como recuperar o aluno que não satisfaz os patamares exigidos para lograr apro-vação, ou como ter a certeza que aqueles que mesmo julgados aptos pelo sistema

possuem as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios decorrentes de sua capacitação, habilitação?

Necessitamos de fato compreender que a avaliação não pode ser a conclusão do processo de ensino, mas que a escola educa e educar é tirar o homem do ostracismo e lhe oferece oportunidades de cres-cimento pessoal, desenvolvendo por meio da educação e do ensino uma consciência crítica que lhe permita evoluir, interagir e ser um agente transformador da socieda-de.

REFERÊNCIAS

_ BOEMER, Luiza - O Fracasso Escolar – Disponível em <http://didaticasgeograficas.wordpress.com/>. Acessado em 29 abri 14.

_ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autono-mia: saberes necessários a prática educa-tiva. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_ Ação cultural para a liberdade – Uni-versidade do Amazonas, 1999. Manaus

_ HAMZE, Amelia - Avaliação Escolar – Disponível em <http://educador.brasilescola.com/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>. Acessado em 29 abri 14.

_ MEDEIROS, Elisa Reis. Construção do Conhecimento I. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal, 1999.

_ MELCHIOR, Maria Celina. O sucesso escolar através da avaliação e da recupe-ração. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

EMPREGO DO SARP, NÍVEL TÁTICO, NA BUSCA DE ALVOS PARA A ARTILHARIA DE CAMPANHA, EMPREGADA NO COMBATE URBANO, EM UMA GUERRA ASSIMÉTRICA

Murilo Moreira Aguiar Gomes¹

RESUMO

A Artilharia de Campanha, desde os remotes de seus primeiros empregos até os dias atu-ais, caracterizou-se pela importância de seus fogos em apoio aos elementos de manobra, importância esta ratificada por intermédio de diversos conflitos ocorridos principalmente no século XX. Porém, com a frequente evolução da guerra, tornou-se um desafio para a Arti-lharia de Campanha cumprir a sua missão

principal, que é a de apoiar a força pelo fogo, destruindo ou neutralizando os alvos que ameacem o êxito da operação. Dentro dessa evolução, observa-se o surgimento da chamada Guerra de Quarta Geração que se caracteriza pela assimetria dos países envolvidos, assimetrias estas que podem ser de cunho político, econômico, religioso, entre outros. Neste contexto de guerra, temos um inimigo e um campo de batalha de contorno não muito bem defi-nidos, caracterizado pela existência de

¹ Capitão de Artilharia da turma de 2004. Pós-graduado em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2013.